Tecnologia permite automatizar cotações, reposição de estoques e acompanhamento de fornecedores, ampliando a eficiência operacional e liderando equipes para decisões estratégicas



A próxima etapa da transformação digital na saúde é a evolução dos hospitais para operações autônomas. Com o avanço dos agentes de inteligência artificial (IA), sistemas deixam de apenas analisar dados e recomendar ações para também executar atividades operacionais, como identificar necessidades de reposição, consultar contratos, realizar cotações e acompanhar pedidos de compra.

O conceito de hospitais autônomos não pressupõe instituições sem profissionais, mas operações em que a tecnologia assume tarefas repetitivas e previsíveis, permitindo que equipes concentrem esforços em decisões estratégicas, negociações e atividades que exigem conhecimento especializado.

Segundo Glaucio Dias, cofundador da GTPLAN, especialista em tecnologia SaaS para Supply Chain para o mercado hospitalar, a autonomia operacional representa uma nova etapa da digitalização hospitalar. “Existe uma diferença importante entre recomendar uma ação e executá-la. Se o sistema identifica que determinado produto precisa ser comprado, mas alguém ainda precisa fazer a cotação, analisar propostas e acompanhar o pedido, boa parte do trabalho continua sendo manual”, afirma.

A cadeia de suprimentos aparece como uma das áreas mais propícias a essa transformação. Com milhares de decisões recorrentes relacionadas a estoques, consumo, contratos, fornecedores e prazos, o setor pode utilizar agentes de IA para identificar demandas, verificar condições negociadas, comparar propostas e encaminhar processos de compra dentro de parâmetros definidos.

A automação também pode contribuir para reduzir compras emergenciais, estoques excessivos e desperdícios, além de ampliar a previsibilidade da operação. A disponibilidade de materiais, por sua vez, tem impacto direto na assistência ao paciente.

A evolução para hospitais autônomos, entretanto, exige governança e rastreabilidade. Decisões de maior risco devem permanecer sob supervisão humana, com regras claras sobre quais atividades podem ser executadas automaticamente e quais dependem de aprovação.

“Não é uma discussão sobre substituir pessoas, mas permitir que profissionais especializados concentrem esforços em negociações, fornecedores estratégicos e decisões que realmente exigem conhecimento e experiência”, conclui Dias.

Fonte: Like Leads, em 09.11.2026